

ALGUNS ELEMENTOS SOBRE O CATECUMENATO E BATISMO NO CRISTIANISMO ANTIGO

SOME ELEMENTS ABOUT CATECHUMENATE AND BAPTISM IN ANCIENT CHRISTIANITY

Arcelino Ilídio Lipangue*
Juliano Dutra**

Resumo: O artigo discorre sobre como o catecumenato e o batismo eram administrados na antiguidade. Na teologia cristã católica, o batismo é fundamental porque insere a pessoa na comunidade de fé e perdoa o seu pecado original. No cristianismo antigo o até o quarto e quinto séculos, o cristianismo estava dando os seus primeiros passos e, assim, o catecumenato e o batismo também se organizavam doutrinal e ritualmente. Os recém-convertidos ao cristianismo recebiam uma preparação doutrinal e moral que durava de dois a três anos. Depois de ouvir o testemunho de vida dado pelos padrinhos e a comunidade acerca do dos candidatos, estes eram ser batizados; normalmente na noite da Vigília Pascal. Inicialmente o rito do batismo não tinha um lugar específico para acontecer, mas a partir do quarto século ele começou a ser realizado nos batistérios; um dos primeiros batistérios cristãos é aquele localizado na Basílica de São João de Latrão em Roma. Depois, progressivamente quase todas as Igrejas foram adotando os batistérios para a celebração do sacramento do batismo.

Palavras-chave: catecumenato; batismo; Igreja.

* Estudante de Teologia da FAPAS – Santa Maria/RS. arcelinolipangueilidio@gmail.com.

** Professor de História da Igreja na FAPAS – Santa Maria/RS. julianodutra@gmail.com.

Abstract: The article discusses how the catechumenate and baptism were administered in ancient times. In Catholic Christian theology, baptism is fundamental because it inserts the person into the community of faith and forgives their original sin. In ancient Christianity, up until the fourth and fifth centuries, Christianity was taking its first steps and, thus, the catechumenate and baptism were also organized doctrinally and ritually. New converts to Christianity received a doctrinal and moral preparation that lasted two to three years. After listening to the testimony of life given by the godparents and the community about the candidates, they were baptized; usually on the night of the Easter Vigil. Initially, the rite of baptism did not have a specific place to happen, but from the fourth century onwards it began to be performed in baptisteries; one of the first Christian baptisteries is the one located in the Basilica of St. John Lateran in Rome. Later, almost all Churches gradually adopted baptisteries for the celebration of the sacrament of the baptism.

Keywords: catechumenate; baptism; Church.

Introdução

Este artigo tem como objetivo compreender um pouco mais como a Igreja no período antigo lidava com a questão do catecumenato e do batismo. A Igreja, enviada pelo seu Senhor, anuncia a chegada do Reino de Deus, incorpora os novos membros a Cristo pelo Batismo, partilha numa mesma mesa o Corpo do Senhor que exige solidariedade e trabalha em favor da transformação dos corações e das estruturas por uma conversão radical de vida (Nentwig, 2013, p. 41). Nos primeiros séculos, porém, os cristãos eram um número reduzido e se reuniam em grupos nas famílias em nome de Jesus Cristo, o Ressuscitado.

Em primeiro lugar, é importante afirmar que o cristianismo nasceu dentro do judaísmo. Por essa razão nos seus primeiros passos, a nova fé apresentou alguns ritos que eram mais nitidamente judaicos. Começando pelos Apóstolos, todos os que abraçaram a fé cristã usaram o método ensinado pelo Jesus Cristo.

Entretanto, a partir do Pentecostes os Apóstolos perderam todo o medo e insegurança e começaram a anunciar a Boa Nova de Jesus em toda parte. Com o passar do tempo o número dos que aderiam ao cristianismo foi aumentando e eram provenientes de diferentes realidades. Houve então a necessidade de se ter um período de aprendizagem para quem quisesse fazer parte da comunidade cristã por meio do batismo. Introduziu-se então, a partir deste momento, o catecumenato como forma de preparação ao batismo. O batismo, que significa o ato de mergulhar ou ser imerso na água, não é, porém, um rito de origem cristã (Berardino, 2002, p. 218), mas foi assumido pelo cristianismo como porta de entrada para acolher novos membros.

1 O catecumenato

O que se pode dizer é que, provavelmente, pouco tempo depois da morte do último Apóstolo, João Evangelista, por volta do ano 90 d.C., surgiram iniciativas de organização de um processo de preparação das pessoas que se convertiam por meio da conversa, diálogo e pregação nos quais eram tratados assuntos relacionados a fé. Como parte da acolhida do mistério cristão, as pessoas eram conduzidas por um percurso específico de estudo da Palavra de Deus, experiência de comunidade e acompanhamento rumo ao banho batismal (Nery, 2021, p. 76).

Nesse caso, a pessoa que se preparava ao batismo, ou seja, que estava no processo de acolhida da Boa Nova de Jesus passava a ser chamada catecúmeno¹.

¹ Catecúmeno é uma denominação dada aos que se preparavam ao batismo. Essa denominação é do começo do século II. Tratava-se de alguém que entrava na dinâmica de deixar a Palavra de Deus fazer eco dentro de si, o que era possível por meio de atitude de atenção, escuta, ajuste da vida à Palavra de Deus (Nery, 2021, p. 76). Catecúmeno era, portanto, aquele que recebia instruções preliminares em doutrina e moral para ser admitido entre os fiéis na Igreja primitiva.

A organização do catecumenato foi, porém, ganhando uma forma mais estável no decorrer dos tempos, a ponto de ganhar uma pedagogia que tinha como objetivo de motivar a missionariedade dos novos fiéis no processo da evangelização de outras pessoas. A catequese, entretanto, existiu desde o tempo dos Apóstolos e era considerada como a fase da iniciação cristã à vida de comunidade. No tempo dos Apóstolos, a vivência fraterna na comunidade celebrada principalmente na Eucaristia, era a maneira mais verdadeira de traduzir na vida a mensagem de Cristo Ressuscitado (1Cor 11,17-29).

Era na comunidade que se vivia a doutrina dos Apóstolos, os ensinamentos recebidos do próprio Jesus Cristo que aos poucos foi sendo formulado nos símbolos da fé, o credo². No decorrer dos tempos foi, então, se formando uma catequese que levava sempre mais tempo de estudo e era organizada com o objetivo de levar os recém-convertidos à iniciação na vida cristã. Nasceu assim, o catecumenato com os seus vários graus que, diligentemente, preparava os candidatos à vivência plena na comunidade cristã através da escuta da Palavra, das celebrações e do testemunho de vida. A Igreja, no entanto, colocava esta condição: “o adulto que participa do catecumenato necessita inevitavelmente de uma comunidade evangelizadora que testemunhe para ele o Evangelho e o ajude no caminho que o torna discípulo missionário” (Nentwig, 2013, p. 126).

A catequese introduzia [a pessoa] progressivamente na participação da vida cristã dentro da comunidade. Animada pela fé, sustentada pela esperança, exercida através da caridade fraterna, a própria vida da comunidade fazia parte do conteúdo da Catequese. Esta por sua vez, era o instrumento a serviço de uma entrada consciente na comunidade de fé

² Credo é uma composição que sintetiza de maneira orgânica e articulada o essencial da fé da Igreja. O conteúdo dessa elaboração resumida da fé, no entanto, não é fruto de opiniões humanas; não é uma invenção que se sobreponha à Escritura ao Evangelho de Jesus Cristo (Bortolletto, 2008, p. 205).

e da perseverança nela. Catequese e comunidade caminhavam juntas (CR, n. 7).

Começando pelos Apóstolos o cristianismo primitivo se apresenta, portanto, desde o seu início, com uma grande vitalidade a ponto de continuamente receber novos convertidos. Como testemunha a Escritura, a multidão ouvindo a pregação de Pedro perguntou o que deveria fazer e Pedro respondeu: “arrependei vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão dos vossos pecados” (At 2,38).

O período de catecumenato foi, todavia, tomado não como sendo uma escola, mas sim como uma iniciação de indivíduos, um processo que ajudava os que estavam no processo de descobrir o caminho da fé. Por isso, contemplava primeiramente um primeiro anúncio chamado de querigmático que era a proclamação do núcleo da mensagem cristã. Neste anúncio os catecúmenos eram instruídos a partir do início das Escrituras: “no princípio Deus criou o céu e a terra até os tempos atuais da Igreja” (Agostinho, 1973, p. 38).

Esse período do catecumenato, ou tempo de preparação para o batismo, recebeu uma estrutura mais ou menos fixa no início do primeiro século. Passou a durar de dois a três anos de estudos. As variações eram, entretanto, notórias entre as diversas comunidades; não existia uma estrutura fixa. Assim, era um tempo que poderia ser encurtado caso o candidato demonstrasse um bom amadurecimento e estivesse bem-preparado. Durante o período da preparação, no entanto, o catecúmeno já era obrigado a se comportar plenamente como cristão, isto é, tinha que abandonar a vida que vinha tendo e o que não fosse de acordo com a doutrina e a moral cristã. Para quem era, por exemplo, ladrão ou polígamo, era preciso abandonar essas práticas ou outras formas de vida não

condizentes com o modo de ser cristão que aspirava. Os valores morais passados pelos cristãos eram muito observados: demonstrar o amor pelos irmãos, praticar as obras de caridade, ser fiel, ter compaixão dos outros etc. eram alguns dos valores exigidos aos candidatos. E essa foi a razão da instituição do padrinho, ou seja, do cristão que era responsável não apenas de resolver as dificuldades que poderiam aparecer com o catecúmeno, mas também de supervisionar a sua conduta com objetivo de informar a comunidade se este poderia ou não ser admitido ao batismo (Gómez, 2001, p. 138).

Quando apareciam os eruditos que queriam fazer parte da comunidade cristã, certamente a preparação era diversa já que esses conheciam muitas realidades cristãs e até mesmo as Escrituras. Assim, apareciam pessoas que só precisavam mesmo participar dos sacramentos. Os cristãos, entretanto, costumavam investigar tudo cuidadosamente, não apenas no momento em que os candidatos pediam para se tornarem cristãos, mas sobretudo antes disso, ou seja, a vida passada da pessoa. Estes candidatos eruditos, apesar de que tinham um bom conhecimento doutrinal, eram interrogados em relação as motivações e/ou razões que os levavam a desejarem se juntarem à comunidade cristã e assumirem publicamente a fé no Deus revelado em Jesus Cristo. Depois de apresentarem motivos óbvios e serem aprovados, os livros que usavam para adquirir a sabedoria da conduta cristã eram considerados autênticos e os candidatos eram então alegremente acolhidos na Igreja (Agostinho, 1973, p. 49).

No que se refere a liturgia, os catecúmenos eram apenas autorizados a assistir a parte doutrinária ou instrutiva da celebração eucarística, ou seja, era-lhes proibido de estarem presentes na parte da narrativa do Mistério Pascal. No

início do cristianismo, antes da criação dos batistérios³ no século IV, os candidatos depois de terminarem a formação catequética, eram admitidos ao batismo que não tinha restrições de lugar. Ele “poderia ser administrado a qualquer momento, mas as vigílias da ressurreição do Senhor e do Pentecostes estavam reservadas para sua administração solene” (Gómez, 2001, p. 138).

2 O batismo

O termo batizar ou batismo vem do grego *báptô*, *baptízô* e significa imergir, submergir. O Novo Testamento usa *báptô* em seu sentido próprio: molhar, embeber e, *baptízô*, em sentido cultural (Berardino, 2002, p. 109). O batismo que significa o ato de mergulhar ou ser imerso na água não é, como foi dito, um rito originalmente cristão. Ele já era um ritual praticado por grupos no tempo de Jesus e pelos judeus para admissão dos chamados prosélitos. No cristianismo ele passou a ter, entretanto, um significado teológico bastante distinto (Fries, 1970, p. 179).

No cristianismo o vocabulário, por metonímia, passou a significar e a se referir a toda a praxe sacramental através da qual o catecúmeno rompia com o pecado e com as seduções do demônio entrando em uma nova relação com o Deus Trino, por meio da fé, e se incorporando ao povo da Nova Aliança (Berardino, 2002, p. 108).

O batismo antes de ter o seu novo significado instituído por Cristo, teve como precursor imediato João Batista que, no deserto, proclamava um batismo

³ Batistério é um local específico para a realização do batismo entre os cristãos. Na arquitetura cristã é uma estrutura separada do plano central da igreja que serve para envolver e guarnecer a pia batismal (Gómez, 2001, p. 139).

de arrependimento para a remissão dos pecados (Mc 1,5). O batismo de João deu o início ao Evangelho de Jesus Cristo. O batismo de João, porém, não era feito de abluções legais judaicas como o batismo dos prosélitos, mas a sua pregação trazia consigo uma novidade moral: tratava-se de operar uma conversão para a vinda do Messias. “Arrependei-vos, porque o Reino dos Céus está próximo” (Mt 3,2), era o resumo do anúncio feito por João.

Do ponto de vista histórico, pode-se dizer que Jesus Cristo não realizou sequer um batismo, mas Ele confiou esta tarefa aos seus apóstolos que receberam plenamente o Espírito Santo. No dia de Pentecostes eles receberam a missão de evangelizar e de batizar: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado será salvo, o que não crer será condenado” (Mc 16,15-16). Esta é a conclusão do Evangelho de Marcos, mas um mandado semelhante encontra-se também em Mateus.

Deste modo, seguindo este mandato os seguidores de Jesus consolidaram esta prática. Com o passar do tempo, também a compreensão deste rito foi se enriquecendo. Assim, o batismo é considerado, na visão de São Justino, como uma purificação simbolizada pela água. Nesse sentido ele afirma, porém, que não é uma água qualquer que purifica, mas a água abençoada. Entretanto, para que o batismo purifique e santifique, isto é, exista o sacramento, Justino pressupõe que o ministro tenha ligação com Cristo através da fé e aja com esta intenção. Da mesma forma, para que houvesse batismo era também necessário ter diálogo entre o batizado e o batizante, diálogo este que se fundava no que se realizou entre Cristo e os Apóstolos (Figueiredo, 1984, p. 64). Mas para Justino o batismo era também uma iluminação. Do mesmo modo que uma mãe dá luz a uma criança, assim também o batismo é uma iluminação para crianças, adolescentes e adultos. Se pode então afirmar que pelo batismo, na Igreja, Deus continua a dar

à luz divina à criação (Nentwig, 2013, p. 63) e, de certo modo, a Igreja gera novos filhos.

Para Justino, o batismo era, pois, designado então de iluminação e regeneração. Ele considerava ser necessário que os candidatos, livres e conscientes, acreditassem como verdadeira a doutrina ensinada pela Igreja e prometessem viver segundo ela. Segundo ele, os catecúmenos “devem ser suficientemente instruídos para que mediante o jejum e oração peçam a Deus o perdão dos seus pecados” (Justino, 1995, p. 255). Os outros cristãos tinham a missão de se juntarem aos catecúmenos no jejum e na oração. Em seguida, os candidatos deveriam ser conduzidos ao lugar onde havia água, e lá, serem regenerados como os outros cristãos. A fórmula batismal era em nome de Deus Pai, de Jesus Cristo nosso salvador e do Espírito Santo, segundo o que dissera Nosso Senhor: “Ide fazei discípulos de todos os povos, batizando os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo o que vos mando” (Mt 28,19-20). Justino termina dizendo que o batizado era subtraído das trevas e do domínio dos principados e das potestades. Por isso, pelo batismo o homem era libertado-purificado-iluminado e chamado a fazer parte da nova raça, o povo de Deus da qual Cristo era o princípio e o fim.

A *Didaqué* é um dos catecismos cristãos mais antigos que representa a primeira elaboração de um ensino catequético sistematizado sobre o batismo. Este ensino era desenvolvido no período da quaresma e culminava com a celebração no domingo de Páscoa. Partindo, porém, da *Didaqué*, não é possível saber quando é que era desenvolvido o ensino e se esse fosse realizado no período que, a partir do século IV, passou a ser o tempo de quaresma. Tampouco é possível afirmar com certeza se a doutrina dos dois caminhos (Zilles, 1978, p. 20), fosse conteúdo do ensino catequético.

Para além da *Didaqué*, entretanto, também Tertuliano de Cartago nos oferece um tratado sobre a iniciação cristã em sua obra *De Baptismo*, escrita entre os anos 198-205. Este é um escrito dogmático-polêmico destinado à formação dos neófitos da Igreja cristã que se fazia no Norte da África. Para Tertuliano, o batismo é a única via de acesso à salvação (Tertullien, 2002, p. 34). Este é o argumento que ele desenvolve ao citar Evangelho de João: “em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus” (Jo 3,5).

Partindo de Tertuliano, sabemos que para ser batizado os candidatos deveriam observar um período de catecumenato de duração não especificada e uma preparação imediata para o batismo que comportava uma oração de santificação invocando o Espírito Santo sobre as águas batismais. Está também presente no texto de Tertuliano uma renúncia ao diabo e sua pompa e a seus anjos. Tudo isto deveria ser feito, aparentemente, antes do rito do batismo em algum lugar dentro da assembleia sob a presidência do bispo ou de um seu representante. O tríplice interrogatório e a profissão de fé na água com interrogações mais extensas que as prescritas por Nosso Senhor no Evangelho conectado à tríplice submersão ou imersão; a unção pós-batismal que era feita com o óleo do crisma; a imposição das mãos do padre e a invocação do Espírito Santo e a Eucaristia que incluía a recepção de um composto de leite e mel (Tertullien, 2002, p. 35) eram alguns dos elementos que narrativa de Tertuliano faziam parte da celebração do batismo na igreja de Cartago.

Para os cristãos, depois da ressurreição de Cristo o batismo era considerado necessário para a salvação. Esta era a fé da Igreja. O banho batismal era o selo da fé e tinha um caráter penitencial e único. Uma única vez na vida, porém, era possível acesso ao banho batismal porque uma única vez eram lavados os pecados que não deviam ser cometidos. Algumas outras questões

jurídicas sobre o batismo, típicos destes primeiros séculos, eram os seguintes: a faculdade de batizar pertencia primeiramente ao bispo, depois ao sacerdote e aos diáconos, mas sempre com a autorização do bispo local. Em caso de necessidade ou com a autorização do bispo, qualquer leigo batizava validamente (Tertullien, 2002, p. 37).

O batismo era geralmente administrado por tripla imersão, mas desde os tempos apostólicos, como atestado na *Didaqué*, podia ser feito por infusão:

Quanto ao batismo, faça assim: depois de ditas todas essas coisas, batize em água corrente, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Se você não tiver água corrente, batize em outra água. Se não puder batizar com água fria, faça com água quente. Na falta de uma ou outra, derrame água três vezes sobre a cabeça, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Antes de batizar, tanto aquele que batiza como o batizando, bem como aqueles que puderem, devem observar o jejum. Você deve ordenar ao batizando um jejum de um ou dois dias (Zilles, 1978, p. 13).

Para Cirilo, mais tarde, o batismo não era visto apenas como um rito de purificação para o recebimento pós-batismal do Espírito Santo. Ele entendia o batismo como participação do homem nos sofrimentos de Cristo, o que conferia ao batizado a graça da filiação divina (Pacheco, 2012, p. 171). A unção batismal era o selo da graça de Espírito Santo em imitação ao batismo de Jesus Cristo no Jordão. O óleo do crisma com qual o catecúmeno era ungido marcava o sinal de recebimento do Espírito Santo. Os recém-batizados recebiam uma mistura de leite e mel como sinal de que haviam entrado na terra da promessa que é a Igreja; e se lhes impunham um manto branco, que usavam durante uma semana, até ao chamado domingo *in albis*, isto é, domingo no qual tiravam a veste branca.

A partir do século IV, foram construídos os batistérios. Eles são esplêndidos edifícios dedicados exclusivamente à administração do batismo. Um dos

batistérios mais famosos é o de São João de Latrão, em Roma, cujas origens remontam aos tempos constantinianos, mas que, entretanto, a arquitetura atual é essencialmente de Sisto III (432-440). Na grande Vigília Pascal, a multidão cristã da cidade de Roma acorria a ele para assistir ao batismo dos catecúmenos. Após o rito sagrado, as longas filas dos neófitos⁴, vestidos de branco, voltavam em procissão com o canto das ladainhas até a vizinha Basílica de São João para assistir à missa pascal do Papa (Gómez, 2001, p. 149). Alguns dados levam estudiosos a afirmar que “os batistérios independentes do edifício eclesiástico foram mais tarde substituídos pela pia batismal, quando o batismo por imersão caiu em desuso na Igreja Ocidental e o batismo por infusão tornou-se geral” (Gómez, 2001, p. 139).

Todos eram batizados com água em nome da Santíssima Trindade. O catecúmeno era submetido a um longo processo que, normalmente, se estendia por vários anos, durante os quais os candidatos se submetiam a catequese, a penitência e a oração, o que poderia levar a afirmação de que, na Igreja antiga, a preparação para o batismo era, sem dúvida, a estrutura pastoral mais importante e efetiva da comunidade cristã (Gómez, 2001, p. 139).

Considerações finais

A organização da Igreja quanto a sua forma de agir em vários aspectos foi se consolidando no tempo, mas não alheia aos contextos culturais e sócio-políticos. Na antiguidade, quando uma pessoa queria receber batismo tinha que

⁴ Neófito (do latim: *neophytus*,) Indivíduo que acaba de se converter ao cristianismo ou a pessoa que acaba de receber o baptismo ou a iniciação num grupo religioso, sendo usado em sentido figurativo para designar um novato ou principiante (Anjos, 1988, p. 453).

estudar sobre a vida da comunidade cristã e o mistério da fé que desejava assumir. A esses estudos e período foi dado o nome catecumenato.

O catecumenato antigo compreendia um processo de acolhida, acompanhamento espiritual, formação e experiência sacramental na qual a pessoa convertida se tornava cristã. Esta fase de aprendizagem ou preparação durava de dois a três anos. O objetivo do catecumenato era levar o futuro membro, pelo batismo à participação do mistério da morte e ressurreição de Cristo ao receber a confirmação, a plenitude dos dons do Espírito Santo, e, pela eucaristia, unido ao Corpo e sangue de Cristo, participar plenamente da vida de Cristo. Todo o processo terminava com as catequeses mistagógicas dadas na semana seguinte a Páscoa.

O catecúmeno deveria receber um certo ensino dogmático e moral. Esta catequese era administrada por um douto que podia ser clérigo ou um leigo. Durante e ao término do catecumenato, os candidatos eram examinados nas suas condutas. Poucos dias antes ao batismo, os catecúmenos juntamente com os seus catequistas jejuavam. As pessoas que se convertiam ao cristianismo, depois do período de formação catequética, já tendo recebido o batismo eram oficialmente contados como membros da comunidade cristã que vivia como uma irmandade sob o signo do amor fraterno.

Os cristãos acreditavam e ensinavam que o batismo lhes apagava o pecado original. Em relação ao lugar da administração do batismo, não se tem notícias de que no início houvesse um lugar específico, mas com o passar do tempo, principalmente a partir do século IV, foram sendo construídos os batistérios. Mas o surgimento dos batistérios parece não ter surgido em todas as regiões: variava de acordo com a organização e costume de cada diocese ou paróquia. O primeiro batistério a ser construído foi na Basílica de São João de Latrão em Roma.

É importante o conhecimento deste itinerário formativo da Igreja antiga porque pode ser inspirador para as comunidades cristãs atuais. Com um processo e um conteúdo que inicie as pessoas na vida cristã, mais facilmente os novos cristãos poderão ser discípulos missionários de Jesus Cristo; mais facilmente serão atuantes na vida da Igreja, na sociedade e, um dia, pela graça de Deus, poderão participar da vida plena no Reino de Deus que, todavia, já deve ser construído neste tempo.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **A instrução dos catecúmenos**: teoria e prática da catequese. Tradução de Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 1973.

AGOSTINHO, Santo. **Tratado sobre o batismo**. São Paulo: Paulos, 2019. (Coleção Patrística)

ANJOS, Margarida. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

BERARDINO, Di Angelo. **Dicionário patrístico e de antiguidade cristã**. Tradução de Cristiana Andrade. Petrópolis: Vozes, 2002.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BORTOLLETO FILHO, Fernando (Org.). **Dicionário brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

CATEQUESE renovada: orientações e conteúdo. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2015. (Documento da CNBB, n. 26)

FIGUEIREDO, Fernando Antônio. **Curso de Teologia patrística II**: a vida da igreja primitiva (século III). Petrópolis: Vozes, 1984.

FRIES, Heinrich (Dir). **Dicionário de Teologia**: conceitos fundamentais da Teologia atual. São Paulo: Loyola, 1970.

GÓMEZ, Jesus Álvarez: **História de la Iglesia I**: edad antigua. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.

JUSTINO. **I Apologia**. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística)

NENTWIG, Roberto. **Catequese batismal**: itinerário de inspiração catecumenal para preparação de pais e padrinhos para o batismo de crianças. Brasília, DF: Edições CNBB, 2019.

NENTWIG, Roberto. **Iniciação à comunidade cristã**: a relação entre a comunidade evangelizadora e o catecumenato de adultos. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

NERY, Israel José. **Catequese com adultos e catecumenato**: história e proposta. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2021.

PACHECO, Luis Carlos de Lima. Iniciação cristã na igreja antiga. **PARALELLUS Revista de Estudos de Religião**, UNICAP, Recife, v. 1, n. 2, p. 161-181, 2012.

SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Dir.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992.

TERTULLIEN. **Traité du baptême**. Tradução de R. P. Refoulé. Paris: Les éditions du Cerf, 2002.

ZILLES. Urbano. **Didaqué**: catecismo dos primeiros cristãos. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.